

---

# *EVENING KNOWLEDGE*

## Paulo Freire e a luz transbordando a taça do Graal

---

Marijke de Koning\*

---

**Resumo:** Paulo Freire tem inspirado ao longo dos anos o trabalho do Graal em contextos de educação não-formal. Neste texto, e com um olhar de *evening knowledge* (o conhecimento que uma pessoa tem após uma longa experiência), são apresentados três temas geradores e problematizados em textos-desafio. No tempo que decorre entre o seu *morning knowledge* (conhecimento inicial onde brilha a luz dos começos) e o seu *evening knowledge*, a autora tenta re-situar-se em relação a dois temas centrais das ciências da educação, nomeadamente os temas libertação e autonomia, que aparecem com novos «ingredientes» emancipatórios que precisam de ser descodificados. O terceiro texto tenta perspetivar a dimensão transcendental do trabalho educativo. Dimensão sempre presente no Movimento do Graal.

**Palavras-chave:** conscientização, *evening knowledge*, autonomia, ingredientes espirituais, visão de mundo aberta

### ***EVENING KNOWLEDGE: PAULO FREIRE AND THE LIGHT OVERFLOWING THE GRAIL CUP***

**Abstract:** Paulo Freire has inspired all over the years the work of the Grail in contexts of non-formal education. In this text, and with an *evening knowledge* look (the knowledge a person has after a long experience), three generative themes are problematized and presented in challenge texts. In the time between her *morning knowledge* (initial knowledge where the light of the beginnings shines) and her *evening knowledge*, the author tries to re-situate herself in relation to two central themes of the educational sciences, namely the themes of liberation and autonomy that appear with new emancipatory «ingredients» which need to be decoded. The third text attempts to put in perspective the transcendental dimension of the educational work. Dimension always present in the Grail Movement.

**Keywords:** conscientisation, *evening knowledge*, autonomy, spiritual ingredients, open world vision

---

\* Graal, Lisboa, Portugal.

### ***EVENING KNOWLEDGE: PAULO FREIRE ET LA LUMIÈRE DÉBORDANT LA TASSE DU GRAAL***

**Résumé:** Paulo Freire a inspiré au fil des ans le travail du Graal dans des contextes d'éducation non formelle. Dans ce texte, et avec un regard de *evening knowledge* (la connaissance qu'une personne a après une longue expérience), trois thèmes génératifs sont présentés et problématisés dans des textes-défi. Entre le *morning knowlege* (connaissance au début où la lumière brille) et le *evening knowledge*, l'auteur essaye de se re-situer par rapport à deux thèmes centraux des sciences de l'éducation, respectivement la libération et l'autonomie, qui apparaissent avec des nouveaux «ingrédients» émancipateurs qu'il faut décoder. Le troisième texte essaye de mettre en perspective la dimension transcendante du travail éducatif. Dimension toujours présente dans le Mouvement du Graal.

**Mots-clés:** conscientisation, *evening knowledge*, autonomie, ingrédients spirituels, vision de monde ouverte

### **Abertura(s)**

«Apenas os utópicos podem ser proféticos e portadores da esperança» (Freire, 1971, 1977: 34). Este meu texto é escrito em português e inglês<sup>1</sup>. Ambas as línguas são para mim «estranheiras», talvez daí a ousadia de confrontar os leitores e as leitoras com o vaivém entre os dois idiomas. O texto emerge de um *Graal*, que é, segundo a lenda, a taça que dá conhecimento infinito e poder à pessoa:

The Holy Grail is a mystical legend that dates back before Christianity. It is often described as a cup, dish or bowl made of earth or wood. Some references describe it as the vessel of the Last Supper. Believed to have mystical and magical influences, the Holy Grail is widely known as possessing the ability to endow infinite knowledge and power upon the person who has earned the right to discover it through spiritual work. (Berg, 2012, n.p.)<sup>2</sup>

E na publicação *The Grail entering the 21st century* (2001, n.p.), o Graal é descrito de seguinte forma:

The Grail – a symbol of Mystery  
The Divine in the Human  
The Human in the Divine  
God among us.

<sup>1</sup> Todas as traduções deste texto são da responsabilidade da autora.

<sup>2</sup> «O Santo Graal é uma lenda mística que remonta ao cristianismo. É frequentemente descrito como uma taça, prato ou tigela de barro ou madeira. Algumas referências descrevem-no como a taça da Última Ceia. Acredita-se que tenha influências místicas e mágicas, o Santo Graal é amplamente conhecido por possuir a capacidade de conferir conhecimento e poder infinitos à pessoa que ganhou o direito de descobri-lo através do trabalho espiritual.»

The Cup  
wide open  
receiving  
holding, sharing  
shaping the qualities of our lives  
our oneness with the Earth  
our response to the World<sup>3</sup>

Fui inspirada pelo símbolo desta «taça» no Graal enquanto Movimento Internacional de Mulheres onde, do muito que recebi, tentei partilhar o que conseguia. Partilhar, ir esvaziando a taça, de modo a que ela possa de novo receber luz e energia, numa «tarefa infinita» de receber e dar e voltar a receber... Ou ainda, usando as palavras de uma das fundadoras do Graal, Rachel Donders, transcritas numa publicação de homenagem à sua vida que se encontra nos arquivos do Graal (2002, n.p.):

The Grail chalice,  
emblem of our movement,  
speaks of that basic attitude  
of the human before the Divine,  
the attitude of receptivity.  
Wide open, the chalice stands empty,  
ready to receive, eager to be filled...

May we all stand before God,  
before the Mystery... like that,  
in a deep awareness of the fact  
that our whole life and every minute of it,  
is a gift from God's love...  
aware that we are empty vessels by ourselves  
but confident in the constant outpouring  
of God's love.  
May we all be able to say again and again,  
in recognition of God's giving Love:  
«My cup is overflowing».<sup>4</sup>

<sup>3</sup> «O Graal – um símbolo de Mistério / O Divino no Humano / O Humano no Divino / Deus entre nós. A Taça / bem aberta / recebendo / segurando, compartilhando/moldando as qualidades das nossas vidas / nossa unidade com a terra / nossa resposta ao mundo.»

<sup>4</sup> «O cálice do Graal, / emblema do nosso movimento, / fala dessa atitude básica do humano em frente do Divino, / a atitude de receptividade. / Bem aberto, o cálice fica vazio, / pronto para receber, / ansioso para ser preenchido... Que todas possamos estar diante de Deus, / em frente do Mistério... / numa profunda consciência de que toda a nossa vida e cada minuto dela, / é um presente do amor de Deus... / conscientes de que somos nós mesmas taças vazias / mas

Em 1999, numa conferência sobre *A Simbólica do Graal* no Terraço, Centro do Movimento do Graal em Lisboa, Yvette Centeno (1999) comenta:

O efeito perverso da cristianização dos mitos é apagar a materialidade. Ora, sem ela não há consciência. Nós temos consciência através da matéria de que somos feitos, da matéria que nos compõe, que nos constitui, que atravessamos, sem isso não há consciência; a própria consciência se calhar tem a sua materialidade intrínseca (Existo, logo penso...). (p. 21)

Não se trata de procurar a essência do divino mas trata-se, em relação ao Graal, de procurar a essência do humano. E esta deve ser a motivação profunda numa altura em que estamos na viragem de século, na viragem do milénio. (p. 16)

Encontrei sempre no Graal Movimento este Graal-taça, com a base no chão do nosso mundo, onde temos as nossas raízes materiais. Raízes também no ar, à procura de horizontes. Taça aberta ao espírito/espiritual. Um dos programas que coordenei, entre 2012 e 2016, e a partir do centro do Graal na Golegã, tinha explícito no título este *entre-material-e-espiritual*: *Raízes, Chão, Horizontes: Percursos e Círculos de Literacia Criativa e Recíproca*.

## A luz de Paulo Freire

Foi neste Movimento do Graal que encontrei Paulo Freire. A luz partilhada por Paulo Freire começou a encher a minha *taça Graal* quando o ouvi falar numa conferência em outubro de 1970 em Amesterdão e quando, por intermédio de Maria de Lourdes Pintasilgo, convivi com ele e o seu grupo de amigos durante um almoço, sem ainda entender a língua portuguesa.

O meu primeiro contacto com o trabalho de conscientização de Paulo Freire tinha sido uns meses antes, numa aldeia chamada Almalaguês onde, a convite de Maria de Lourdes Pintasilgo, passei uma tarde e um serão para «ver» o trabalho do Graal *in loco*.

Entre 1971 e 2016 trabalhei em vários projetos no contexto do Graal em Portugal e em iniciativas do Graal Internacional. A filosofia de conscientização de Paulo Freire constituiu uma referência constante ao longo deste percurso.

O linguista e padre jesuíta Jacques van Ginneken, professor na Universidade Católica de Nijmegen, fundou em 1921 o Movimento do Graal. Transcrevo uma afirmação dele – tirada de um caderno com notas – guardado nos arquivos do Graal (2007), para o sintonizar com Paulo Freire:

---

confiantes no derramamento constante do amor de Deus... / Que todas sejamos capazes de dizer repetidamente, / em reconhecimento de Deus feito Amor: / “A minha taça está transbordando”.

The world today wants radicalism. The world wants a radical conviction (...). Become aware that there are circles and that you fit in somewhere in one circle through the cohesion of all kinds of personal characteristics (...). You must help and edify each other, one another. (n.p.)<sup>5</sup>

Foi nos EUA, em outubro de 1969, que Maria de Lourdes Pintasilgo, então vice-presidente do Graal Internacional, encontrou Paulo Freire quando ele foi orientar um fim-de-semana no Centro Nacional *Grailville* sobre «Educação para a libertação», como ela própria conta no Prefácio ao livro *Paulo Freire: Política e Pedagogia* (1998). Foi um encontro marcado pela Esperança, comenta a Mabel Cavalcanti, que trabalhou com Paulo Freire no Brasil, e transcreve na sua tese de mestrado um comentário de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre o seu encontro com Paulo Freire:

Os tempos eram de intensas expectativas de mudanças e Paulo Freire parecia ser a síntese de tudo aquilo que muitos pensadores vinham dizendo no domínio específico de intervenções e mudanças. Unidos pela matriz do cristianismo, Freire foi a ideia que nos anima, nos transforma e que, de certa forma, nos dá a esperança e o élan necessário para viver. (Pintasilgo, citada em Cavalcanti, 2017: 73)

Num documento do Arquivo Pintasilgo Online podemos ler ainda outro comentário de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre este encontro inicial com Paulo Freire:

Saudade de Paulo Freire, dessa força que se quer contagiosa, mas também um profundo reconhecimento. Nos anos 60, havia, para mim e para alguma geração como eu, vários «*maîtres a penser*». (...) Era o universo dos meus «*maîtres a penser*», que conversavam entre si – um universo de teoria, de investigação, de estímulo e de indescritível prazer intelectual. Indescritível: as ideias são qualquer coisa que nos anima, nos transforma e que, e de certa maneira nos dá a esperança e o élan necessário para viver. De repente, nesse universo irrompe, a determinado momento, Paulo Freire. Todo o seu pensamento, nesse contexto, nesse universo, deslumbrou-me pela forma simples, óbvia das suas propostas. Ele parecia fazer a síntese de que muitos destes pensadores vinham dizendo, nos seus domínios específicos de intervenção. Esse deslumbramento nunca cessou e devo dizer que não foi indiferente à minha formação política.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> «O mundo de hoje quer radicalismo. O mundo quer uma convicção radical (...). Percebe que existem círculos e que te podes encaixar num lugar qualquer num círculo através da coesão de toda a espécie de características pessoais (...). Devem-se ajudar e edificar umas às outras, uma à outra.»

<sup>6</sup> <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx>  
Pasta: 0209.018; Autor: Maria de Lourdes Pintasilgo; Âmbito e Conteúdo: Comunicação para o Simpósio Paulo Freire, Lisboa, 1998, em torno do contexto em que Maria de Lourdes Pintasilgo conheceu Paulo Freire, significado do seu pensamento no contexto mundial, literacia planetária, interdisciplinaridade e a circulação entre teoria e prática. Data: 12 de março de 1998.

## Evening knowledge

São, portanto, fios de memória, ou seja, fios dessa capacidade estranha que possuímos de fazer com que o que *já não é, seja de novo*, tornando a memória naquilo que dá profundidade e perspectiva à nossa vida, porque nos permite dar significado ao que nos foi e vai acontecendo, mapeando-o temporalmente. (Henriques, 2018: 16)

Nesta minha escrita, e na esteira de Rachel Donders, gostava de fazer uma distinção entre o meu *morning knowledge* e o meu *evening knowledge* da minha experiência de trabalho no Graal inspirado por Paulo Freire. Rachel Donders inicia a sua conferência na Assembleia Internacional do Graal em 1988 com as seguintes palavras sobre estas «knowledges»:

I know I have, like all of you, a certain knowledge of the Grail. I purposely say «like all of you» because there is an equality among us which is very precious. But there is also a variety in equality and a variety in knowledge. (...) in life there is a MORNING KNOWLEDGE and an EVENING KNOWLEDGE (...). There is a nuance in what one knows after a long experience which is different from the light which shines in the beginning. (Donders, 1988: 1)<sup>7</sup>

Numa perspetiva de «Paulo Freire, ontem e hoje», tentarei partilhar algum *evening knowledge* e realçar a atualidade de Paulo Freire e das suas pedagogias enquanto tentarei «problematizar», implicitamente, a dificuldade do trabalho de conscientização no mundo de hoje.

## Do morning knowledge ao evening knowledge

Num permanente movimento de busca (...) para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem «tratar» a sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar, não é possível. (Freire, 1997: 64)

A filosofia de conscientização de Paulo Freire iluminou-me nos diferentes contextos onde trabalhei, como «pedagoga freiriana e feminista», como me «definiu» a Eunice Macedo no seu artigo «Paulo Freire um Pensador Feminista? (Re)Articulando conceitos e debates» (2017). Neste artigo, cita uma frase minha onde digo como Paulo Freire foi uma referência central no meu trabalho educativo: era «como a partitura principal em que o tema é retomado em diferentes

---

<sup>7</sup> «Eu sei que tenho, como todas vocês, um certo conhecimento do Graal. Digo propositadamente “como todas vocês” porque existe uma igualdade entre nós que é muito preciosa. Mas há também uma variedade na igualdade e uma variedade no conhecimento. (...) na vida existe um CONHECIMENTO DA MANHÃ e um CONHECIMENTO DA NOITE (...). Há uma nuance no que se sabe depois de uma longa experiência que é diferente da luz que brilha no começo.»

trechos, às vezes por notas que já se confundem com outras partituras» (Koning, 2006, citada em Macedo, 2017: 37).

Abordo três «temas geradores» do trabalho de conscientização que atravessa o tempo entre o meu *morning knowledge* e o meu *evening knowledge*. Temas que, com a terminologia freiriana, vou compondo em três «textos-desafio».

No primeiro texto, intitulado *Da relação e libertação de Paulo Freire ao Just do it*, problematizo o risco de um desejo «emancipatório» apenas ego-centrado, que descuida a relação com o(s) outros(s) e se distancia do bem comum, podendo degenerar-se na ideologia do *(I) Just do it*. O slogan «Just do it» («Simplesmente faz») foi lançado em 1988 numa campanha publicitária pela Nike, empresa americana de calçados, roupas e equipamentos desportivos.

No segundo texto, intitulado *Learning in the Grail: About being and becoming autonomous* e publicado em 2018 num boletim do Graal Internacional, abordo algumas questões e implicações do tema freiriano da autonomia.

No terceiro texto, intitulado *Crentes e não-crentes-em-Deus: Qual a «fê» que nos pode unir numa cidadania mundial?*, defendo uma visão do mundo aberta, partilhada por crentes-em-Deus e não-crentes-em-Deus. Uma visão alimentada por «ingredientes espirituais» para todos e todas.

### **Texto-desafio 1. Da relação e libertação de Paulo Freire ao *Just do it*<sup>8</sup>**

Para mim, o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo; é a dialectização dos actos de denunciar e anunciar, o acto de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão, a utopia é também compromisso histórico. (Freire, 1977: 33)

O que foi importante (para mim/nós) nas décadas 1970-1980, décadas do auge dos projetos de animação sociocultural? Acho possível distinguir dois temas estruturantes na praxis educativa dos projetos naqueles tempos, inspirados em Paulo Freire: *Relação* e *Libertação*. Para quem estava no terreno, no «chão» dos projetos educativos emancipatórios, *Relação* e *Libertação* foram palavras-chave em contextos de conscientização de adultos/as e jovens. Entretanto, já nos anos oitenta do século XX, estavam a ser cozinhados outros ingredientes que iriam modificar bastante esta visão libertadora que, ao mesmo tempo, era solidária.

O filósofo e psicanalista Carlo Strenger formula-o assim no seu livro *O Medo da Insignificância*: «Ser tocado por Deus foi substituído pela qualidade mágica de ser conhecido e admirado pelas massas» (Strenger, 2011: 67). Os sistemas religiosos foram substituídos pelo sistema *info-*

<sup>8</sup> Adaptação de Koning, 2014.

*tainment*, sistema de informação-entretenimento global, e celebridades substituem os santos e os profetas. A *Dunamis*, força interior que animava o desejo de libertação, sofreu a corrosão da mensagem dominante do sistema do *infotainment* Just Do It, que não deixa espaço para limites. *Just do it*, o novo ingrediente «emancipatório», sugere que é possível tudo alcançar.

Esta ideologia de «auto-centração» impediu que vivêssemos as nossas vidas com significado e, na esteira de Jaspers, Carlo Strenger lembra que é a capacidade de enfrentar situações-limite que nos permite lidar com as tragédias das nossas identidades individuais e coletivas. E que é isso que nos dá sentido (Strenger, 2011: 115).

A nossa situação existencial é de um artista que nunca pode adquirir os materiais para a sua criação de acordo com um plano concebido previamente; mas como aquele que faz bricolage devemos pegar nos materiais que encontramos à nossa volta e tentar transformá-los na criação da nossa vida.

Mobiliza a expressão «aceitação ativa de si mesmo», que implica «aceitar o chamamento existencial para sermos o que podemos ser» (Strenger, 2011: 34). Passo ao passo, abrandando para pensar e agir, e não *Just Do It*.

## **Texto-desafio 2. Learning in the Grail: about being and becoming autonomous<sup>9</sup>**

Minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas é de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objecto, mas sujeito também da História. (Freire, 2003: 54)

The principal cause that has moved me in the Grail is the emancipatory pedagogy with girls and women that structures the educational work. This work constitutes for me a life-long journey, which I described in the book *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher: Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo* (Emerging places of the Subject-Woman: Journey with Paulo Freire and Maria de Lourdes Pintasilgo) (Koning, 2006).

In this study I distinguished a set of perspectives that made up a compass. This compass allowed the path of my educational journey in the Grail to be mainly a good path, I believe. The following eight ideas have composed my compass until now:

1. The person has to learn to say the words that reveal her reality and herself.
2. The learning process takes place through dialogue and conversation.

---

<sup>9</sup> Adaptação de Koning, 2018.

3. The learning subject constructs her autonomy through work on herself. This implies learning to live with conflicting choices, dealing with tensions and developing a critical capacity.
4. Autonomy is always relational and relative, dependent on a culture, language, and knowledge. Autonomy always implies managing our «dependencies».
5. Emancipation is a complex process of advances and stepping back.
6. It is crucial to develop the ability to say «no».
7. It is important to cultivate the ability to admire.
8. It is essential to cultivate the virtues of consistency and simplicity.

Can this compass still be used in today's educational journeys in Grail projects? I think so, but I would like to re-visit the «place» of one of the central concepts of emancipatory educational practices, namely *autonomy*.

The time in the Grail when there still was «a strong sense of obedience to the leaders», as referred to in *Women of Vision* (Ronan & O'Brien, 2017: 73), lies far behind us. In this book, edited by Marian Ronan and Mary O'Brien, we can read how one of the Sixteen Founders of the International Grail refers to this sense of obedience:

When someone said «It's better that you go to South Africa», you went. I went with great sorrow in my heart. Now we have the idea of personal responsibility, where everyone must decide with her own conscience. (pp. 52-53)

How are we, nowadays, and in the different cultural Grail realities, thinking and acting in relation to autonomy? Many things in our lives are not determined by ourselves. When and to which extent are we autonomous in our action and in the way we are living? Sometimes we do things against our will, for example because we are obliged by executives or by governments. In other cases, we do not know exactly what we want.

In a recent study on autonomy, Beate Rössler, Professor of Ethics at the University of Amsterdam, raises a set of questions around autonomy:

What do we mean by autonomy? How do we deal with our ambivalences? Is our life only meaningful when we can be autonomous? What do we mean by a meaningful life? Do we know what we think and want? Do we know ourselves? What self-conscience and self-knowledge do we have? Is it ethically correct to have criteria that judge others if the life of a person is fulfilled or good? What about our privacy? In which political and social circumstances are there conditions for the realization of the individual autonomy? (Rössler, 2018: 22-23)

Autonomy is the ability to manage «dependencies». How do we deal with our «dependencies» in the Grail? What kinds of developments have taken place in our local and global Grail groups and networks in the XXI century? Emancipation is a complex and endless process of advances

and stepping back. As learning subjects, we have to shape ourselves. Errors and mistakes are part of this process of learning to be a «good» person. We live in a world in which we need to find a new balance in our desire for individual autonomy and a meaningful life, embedded in a horizon of meaning we are sharing with others, like we do in the Grail.

The nomadic circular learning journey is a process allowing us to come back to places we visited before. One of the most structuring places that need to be revisited is the one where decisions are made, and where our autonomy and dependencies are shaped and reshaped. How do I want to live my life? What does the Grail expect from me? Do we manage to handle our ambivalences? Are we able to develop a reasonable attitude towards mutually colliding desires, convictions, roles, identity and the contingency of daily life?

In the next challenge-text the transcendental dimension of the «dependencies» which enable the construction of our autonomy as a free human being in daily life will be explored.

No próximo texto-desafio será explorada a dimensão transcendental das «dependências» que permitem a construção da nossa autonomia como seres humanos livres na vida do quotidiano.

### **Texto-desafio 3. Crentes e não-crentes-em-Deus: Qual a «fé» que nos pode unir numa cidadania mundial?**<sup>10</sup>

O respeito do meu pai pelas crenças religiosas da minha mãe ensinou-me desde a infância a respeitar as opções dos demais. Ainda hoje me lembro o carinho com que me ouviu quando lhe disse que queria fazer a minha primeira comunhão. Escolhi a religião da minha mãe e ela ajudou-me para que a escolha fosse efectiva. (Freire, 1977: 15)

O não crente-em-Deus Carlo Strenger afirma: «Devemos ser capazes de nos maravilharmos perante a diversidade de ficções criadas coletivamente para dar sentido à vida humana (...)». E desafia-nos com alguns «ingredientes» para «um sistema de sentido estável que organiza os nossos valores» (Strenger, 2011: 171): «Restringir a vida ao essencial» (p. 170) e «pensar nas questões essenciais» (p. 200); «pluralismo não relativista» (p. 192); «reestabelecer o valor da procura intelectual» (p. 223). Propõe uma coligação de visões de mundo abertas para podermos viajar em direção a uma cidadania mundial e ventila a sua hipótese, que é a de existirem

dois tipos fundamentais de visões de mundo: a visão de mundo aberta que aceita que os seres humanos nunca podem ter certezas definitivas e absolutas, e a visão de mundo fechada, que reclama para si a verdade última e a solução definitiva para todos os problemas humanos. (Strenger, 2011: 241)

<sup>10</sup> Adaptação de Koning, 2014.

A busca constante de humanidade tem alguns «ingredientes espirituais» incontornáveis, tanto para crentes, como para não crentes em Deus: focalizar no amor ou *afeto inclusivo*; ser «canal» de Luz, fonte da vida. Passa por uma «decisão» de abertura, por um compromisso na ação e por uma expressão em palavras que nos vem das tradições em que nos inserimos ou das quais somos «fruto», palavras que redizemos, linhas que reescrevemos, tarefas infinitas.

Num livro sobre a espiritualidade Beneditina, o autor Wil Derksen refere os «imperativos transcendentais» do filósofo canadiano Bernard Lonergan. Transcendentais no sentido de serem válidos em todos os lugares e tempos. Imperativos porque é preciso cumprir tarefas, trabalhar, agir, daí serem apresentados com pontos de exclamação. São eles: «Be attentive!; Be intelligent!; Be reasonable!; Be responsible!; Be in love!» (Derksen, 2003: 37-38). São imperativos importantes para nos proteger da acima referida ideologia do *Just do it*.

A minha visita à exposição *Tarefas infinitas* em 2012 na Gulbenkian foi uma experiência «estruturante». As razões prendem-se com a própria ideia de «tarefas infinitas» (uma expressão de Husserl). No preâmbulo do catálogo da exposição, Paulo Pires do Vale explica como Husserl tem inspirado o título da exposição. Aqui apenas reproduzo a seguinte ideia:

Só em permanente reflexão se pode atingir o objetivo, sempre em ultrapassagem. (...) A tarefa abre-se ao que a antecede e a ultrapassa. Ao que foi e ao que virá. (...) O trabalho verdadeiramente humano e a história são agora um processo sem fim, como uma finalidade sempre inalcançada. (Vale, 2012: 16-17)

O infinito «adentra» qualquer finito, qualquer vida, qualquer pessoa, com ou sem referências explícitas de fé-em-Deus.

### **E por fim: tarefa infinita sempre no entre**

A conscientização, enquanto atitude crítica dos homens [e das mulheres] da história, não terminará nunca. Se os homens [e as mulheres], enquanto seres que trabalham, continuam aderindo-se a um mundo «feito», irão ver-se submersos numa nova obscuridade. (Freire, 1977: 33)

O presente artigo foi escrito por uma pedagoga social que, ao longo da sua vida, trabalhou em contextos educativos não-formais, usando a filosofia e a metodologia de conscientização de Paulo Freire. Fascina-se com os textos e as ideias de outras pessoas que se movem em «mundos» diversos, o que a leva nas suas escritas a uma atitude «citante», nem sempre apreciada. Inspirada pelas ideias alheias, não pode senão fazer emergir outras vozes na sua própria voz.

Com Paulo Freire estamos perante a tarefa infinita de não aderir a um mundo feito. Viajar circularmente entre a prática e a teoria, entre a ação e a palavra, práxis tão sugerida por este

grande pedagogo, significa ser capaz de aguentar o *entre*. No processo de diálogo prepara-se um chão firme onde aprendemos que, para a construção do sentido que nos anima, é preciso constantemente dar um passo para o lado para deixar espaço ao outro e, assim, desenvolver a nossa capacidade de estar *entre* de uma forma cada vez mais densa.

Escrevendo, vou sendo parte do *infinito* numa sucessão infinita de textos finitos. Palavras que me ficam dos livros nos quais me perdi formam uma linha que aumenta a incerteza. Nada fica de pé, tudo se arrasa numa linha de horizonte, que enreda passado, presente e futuro num possível destino. De onde vim, para onde vou? Mas principalmente: onde estou e o que me é pedido?

Às vezes sinto-me desencantada, mas com vontade de *trabalhar o meu desencanto*. Isto tem felizmente podido acontecer em contextos em que o *entre* de entre pessoas se intensifica num «entre» mais denso.

Estar num registo de *evening knowledge* significa, inevitavelmente, ter entrado numa reta mais final da vida. Quando esta ideia me angustia, penso no que escreveu Etty Hillesum (2009: 29): «O ser humano recebe a alma a seu cargo (...) e tem obrigação de tratar bem dela; viver da força da sua alma, ser animado».

Paulo Freire foi um ser extremamente animado e «animador». Com uma alma grande, um coração grande, um ser cheio de *amorosidade*. Um ser que partilhou a luz que transbordava a sua *taça Graal* com inúmeras pessoas à volta do planeta.

Paulo Freire iluminou e transformou a minha vida.

## Referências bibliográficas

- Arquivos do Graal (2002). *Rachel Donders 1911-2001*. Utrecht: Graal.
- Arquivos do Graal (2007). *Messages Grail from Jacques van Ginnenken*. Utrecht: International Grail.
- Berg, Rav (2012). *The Holy Grail: A manifesto on the Zohar*. New York: The Kabbalah Centre.
- Cavalcanti, Mabel (2017). *Educação e cidadania: Paulo Freire, o movimento do Graal e as políticas sociais em Portugal (1970/1974)*. Lisboa: ISCSP/UL.
- Centeno, Yvette (1999). *A simbólica do Graal*. Lisboa: Graal, Publicações Terraço 4.
- Derksen, Wil (2003). *Een levensregel voor beginners: Benedictijnse spiritualiteit voor het dagelijks leven* [Uma regra de vida para iniciantes. Espiritualidade Beneditina para vida de cada dia]. Tiel: Lanoo.
- Donders, Rachel (1988). *The Grail: A faith community: Past, present and future*. Lisboa: Arquivos do Graal. Texto policopiado.
- Freire, Paulo (1977). *A mensagem de Paulo Freire: Teoria e prática da libertação*. Porto: Editora Nova Crítica.
- Freire, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2003). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra.

- Henriques, Fernanda (2018). Fios de memória. In Irene Borges-Duarte (Ed.), *Fios de memória: Liber Amicorum para Fernanda Henriques* (pp. 11-25). Famalicão: Papelmunde.
- Hillesum, Etty (2009). *Cartas 1941-1943*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Hope, Anne (Ed). (2001). *The Grail: Entering the 21st century*. New York: The International Grail Secretariat.
- Koning, Marijke de (2006). *Lugares emergentes do sujeito-mulher: Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Koning, Marijke de (2014). Entre local e global: Quem tem mercy on us? In Teresa Toldy & Fernanda Henriques (Eds.), *Cescontexto, nº 8, Visões de justiça a partir das teologias feministas*. Coimbra: CES.
- Koning, Marijke de (2018). Learning in the Grail: About being and becoming autonomous. *Crossroads: A Newsletter of the Grail International Leadership Team, October 2018*, 6-8. Retirado de [http://www.thegrail.org/index.php?option=com\\_joomdoc&task=document.download&path=Crossroads+English/0024+Crossroads+2018+October.pdf&Itemid=86](http://www.thegrail.org/index.php?option=com_joomdoc&task=document.download&path=Crossroads+English/0024+Crossroads+2018+October.pdf&Itemid=86)
- Macedo, Eunice (2017). Paulo Freire um pensador feminista? (Re)Articulando conceitos e debates. In *Ecos de Freire e o pensamento feminista: Diálogos e esclarecimentos* (pp. 25-57). Col. Querer saber 6. Porto: Livpsic.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1998). Prefácio. In António Nóvoa & Michael Apple, *Paulo Freire: Política e pedagogia* (pp. 9-14). Porto: Porto Editora.
- Ronan, Marian, & O'Brien, Mary (Ed). (2017). *Women of vision*. Berkely: The Apocryphile Press.
- Rössler, Beate (2017). *Autonomie: Een essay over het vervulde leven*. Autonomia: Um ensaio sobre a vida conseguida. Amsterdam: Boom.
- Strenger, Carlo (2011). *O medo da insignificância: Como dar sentido às nossas vidas no século XXI*. Alfragide: Lua de Papel.
- Vale, Paulo Pires do (2012). Preâmbulo. In João Carvalho Dias (Ed.), Paulo Pires do Vale, & Gonçalo M. Tavares, *Tarefas infinitas: Quando a arte e o livro se ilimitam* (pp. 11-18). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.